A PRODUÇÃO DE MEMORIAIS NO CURSO DE PEDAGOGIA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

The memorial production in the pedagogy course – experience report.

Giovana SCARELI
Faculdades UNOPEC

Qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória (Ecléa Bosi, 1999, p. 68).

Este texto é um relato de experiência sobre a disciplina Pesquisa da Prática Pedagógica VI (PPP VI), que ministrei para os alunos de Pedagogia da UNOPEC/Sumaré no 2º semestre de 2004.

Esta "disciplina" encontra-se no 2º semestre do 3º ano, quando os alunos estão se graduando no currículo mínimo que é licenciatura para as primeiras séries do ensino fundamental e educação infantil. Nesta ocasião os alunos estão cansados e ansiosos para se formarem, além de estarem com trabalhos obrigatórios para cumprir, que são: o estágio e o trabalho de conclusão de curso (TCC).

Gostaria de iniciar este relato contando sobre as idéias que nortearam esta disciplina. Minha proposta foi trabalhar com a produção de memoriais, que o dicionário identifica como "livrinho de lembranças". Para falar de lembranças, recorri a Bosi (1999) no seu livro intitulado *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, em que diz: *a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios (p.53).* Esta proposta tinha o objetivo de que cada um pudesse olhar um pouco para a sua vida, fazendo uma reflexão sobre sua profissão, sobre o curso superior que havia escolhido e que findava neste momento e sobre qualquer outro aspecto da história pessoal que considerasse importante.

Para despertar tais reflexões, utilizei alguns textos e três filmes que assistíamos juntos e depois debatíamos, sempre fazendo um paralelo com as situações vividas por nós.

Além de usar os filmes para motivar conversas e despertar o desejo de escrever, tentávamos também observar, na produção do filme, alguns elementos

que compõem esta linguagem visual que nos parece tão real. Isto porque não compartilho a idéia de que os filmes devam ser vistos como "ilustrações" de aula, ou apenas que seu "conteúdo" seja discutido. Como nos diz Almeida (1994, p.7) quando o professor utiliza o filme desta maneira, *fica evidente que o filme assume papel secundário.* A linguagem audiovisual está presente no nosso dia-a-dia, vemos TV, filmes, publicidade, enfim, estamos rodeados pelas imagens e sons. Com tantas informações que nos chegam, será que temos condições de pensar sobre tudo aquilo que vemos e ouvimos? Será que assistimos a tudo passivamente? Que educação estamos recebendo mediados pelos meios de comunicação? Como os professores trabalham com esta questão?

Os elementos que tentamos observar foram: o tempo (a câmera lenta, rápida, a interrupção do movimento, a inversão do movimento); o espaço (os planos, ângulos, os movimentos de câmera); o som (diálogos, música) e outros elementos como cenário, iluminação, figurino, cor, fotografia, efeitos especiais etc.

O primeiro filme assistido foi *Quando tudo começa,* de Bertrand Tavernier que apresenta um professor, Daniel, exercendo a coordenação de uma escola de educação infantil na França e os problemas que ele enfrenta no cotidiano. É um filme bonito, poético, que nos provoca a pensar sobre a profissão do magistério. Discutimos o filme a partir de alguns conceitos da antropologia citados por Gussi (2001) como: alteridade, cultura e diversidade, etnocentrismo e relativismo cultural, o multiculturalismo, a interculturalidade na educação e a reflexão autobiográfica envolvendo três dimensões: a auto-análise biográfica (reflexão sobre a própria biografia), a etno-análise biográfica (inter-relações entre o "eu" e o "nós") e a antropo-análise biográfica (comparação do "eu" e o "nós" em relação ao "outro"). Além destas discussões, os alunos teriam que selecionar um trecho do filme para fazer alguma observação sobre os elementos da linguagem do cinema.

É muito difícil falar sobre algo com que não estamos acostumados. Nesta primeira discussão, ficou clara esta questão. A classe participou bastante ao fazer exercícios de inter-relações entre o filme e o texto, mas tiveram dificuldades de selecionar trechos e comentar aspectos mais técnicos. Entretanto, pudemos perceber a montagem de várias cenas utilizando recursos para enfatizar ou chamar a atenção para um dado momento.

O segundo filme foi *O Sorriso de Monalisa*, de Mike Newell. A proposta era assisti-lo, anotar algum trecho para comentar um aspecto técnico e discuti-lo a partir

da leitura do texto “A antiestrutura da resistência” In *Rituais na Escola*, de Peter Maclaren.

As discussões foram muito interessantes, mas ficaram em torno do texto novamente. Foi difícil deslocar o olhar para a produção do filme e menos ainda para o seu “conteúdo”. Penso que isto deva acontecer com freqüência quando o vídeo é inserido na escola. Seu uso é pelo conteúdo, como se pudesse substituir uma aula expositiva por um filme. Ao abordar o filme somente desta maneira, o professor está deixando pobre um recurso extremamente rico em termos de possibilidades de trabalho, leituras, linguagem etc. Tomando-se o filme desta maneira, este adquire uma dimensão de verdade muito grande, como se não pudéssemos questioná-lo. Ainda mais se o filme for um documentário, gênero que já carrega este estereótipo de verdade.

McLaren nos propõe pensar, no texto referido, sobre as formas de resistência presentes no nosso dia-a-dia. Segundo ele, há várias formas de resistência, como a resistência pelos gestos, pelas ações, pela contestação, pela distração, através do olhar ou da sua ausência e através do silêncio. Pudemos perceber no filme várias destas formas, relacionando-as também às nossas vidas. Utilizamos destas formas de resistência enquanto alunos? Conseguimos perceber a resistência dos nossos alunos?

Enquanto discutíamos os textos, víamos os exemplos no filme e tentávamos fazer um paralelo com a nossa vida. Pensávamos no memorial e em como se daria a sua construção. As alunas, em geral, tinham muitas dúvidas em como escrever um memorial. De que ponto iniciar sua história: da infância, de quando começou trabalhar, da escolha profissional?

Na verdade, a preocupação com a estrutura de um texto não permitia que as lembranças surgissem provocadas pelas imagens, pelos textos e conversas em sala de aula Até mesmo as lembranças em estado “bruto” eram censuradas. De acordo com Bosi (1999, p.21): *(...) uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.*

Havia uma preocupação muito grande com o ponto inicial em que todas deveriam começar a escrever e com a cronologia dos fatos. Também havia dúvidas

e uma certa resistência, afinal, reviver o passado, escolher trechos da nossa vida para contar a alguém não é muito fácil. Talvez encontremos algo na memória que queríamos que tivesse sido esquecido ou que nossa vida tivesse sido diferente. Um texto que lemos e que nos ajudou a pensar sobre isso foi "Quem somos?" In *Como nos tornamos professoras?* de Roseli A. C. Fontana.

> *No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados da nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a desilusão. Nesse modo contínuo, nesse jogo inquieto, está em constituição nosso "ser profissional" (FONTANA, 2003, p.180).*

A produção do memorial permitiria este olhar para dentro de nós, para aquilo que ficou guardado num baú da memória, agora pensado em relação à nossa vida, às nossas escolhas. O memorial nos dá a oportunidade de resignificarmos os fatos da nossa vida, compreender nossas perdas, nossas desilusões, entender melhor o presente, o que estamos fazendo do nós mesmos.

Segundo Martins (2004, p.107):

> *(...) ao encontrarmos os professores em seu ofício diário, vemos seres humanos ativos que trazem para suas disciplinas e práticas pedagógicas as identidades e capacidades construídas ao longo de sua história de vida inteira, muitas vezes dando maior importância e maior valor àquilo que desenvolveram fora do espaço profissional e fora dos espaços de regulação de seu trabalho diário. Suas memórias, aconchegantes ou incômodas, são elementos que se apresentam em suas ações.*

Pudemos perceber isto ao assistir o último filme proposto para a classe - Anjos do Arrabalde: as professoras, de Carlos Reichembach. Filme brasileiro que apresenta três professoras mas que não enfoca somente sua relação com a profissão, mostrando que nossa vida é um conjunto de relações que se formam e que convivem, não havendo uma maneira tão clara de separar a vida profissional da vida pessoal, das emoções, das condições sociais... tudo se mistura, pois somos

seres inteiros. Quando há problemas no setor profissional, estes, de alguma forma, atingirão todo o restante e assim por diante.

O filme provocou comportamentos diversos na turma. Acredito que, mais uma vez, observar a técnica - e neste filme, até mesmo a discussão proposta, de ver a vida daquelas pessoas - foi difícil para muitos. O filme não é puro, não quer mascarar nenhum aspecto da vida de ninguém, as relações são complexas, assim como a sociedade em que vivemos. Ninguém está ileso do sofrimento, dos dilemas e da vida. A provocação foi feita. Acredito que aquelas imagens tenham ficado latentes...

Nosso último passo, antes da entrega dos memoriais, era fazer uma apresentação dos textos do livro A Vida e o Ofício dos Professores, organizado pelas professoras Belmira O. Bueno, Denice Catani e Cynthia P. de Sousa a partir dos encontros do Grupo de Estudos “Memória, Docência e Gênero” (Gedonge – FEUSP), da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Este grupo, constituído por vários professores, produziu textos sobre as suas vidas, suas escolhas e, de certa forma, sobre a influência do Gedonge em suas histórias.

A leitura deste material proporcionou pensar num tipo de texto de memória que não possui apenas descrição de fatos acontecidos ao longo de uma vida, mas que a nossa vida pode ser problematizada, de que a nossa história não é meramente uma seqüência de datas, fatos puros, sem nenhuma influência externa e que ao re-significarmos nossa vida, nos re-significamos e podemos compreender melhor o que nos aconteceu e como vivemos no presente. Afinal, “quem somos?”

Os alunos da sala produziram seus memoriais, e percebi a dificuldade de falar de si mesmo, de organizar a vida num pedaço de papel. Quase todos tinham como ponto de partida a infância, talvez por ser uma fase menos problemática, em que a felicidade pôde ser experimentada ou talvez porque cronologicamente começamos contar o tempo a partir daí. Os textos são mais descritivos, utilizando, muitas vezes, das datas para se organizar. Há uma limpeza nos fatos apresentados, mas há pistas de felicidade, de rancores, de tristezas, de desilusões, de fracassos, de sucessos, de expectativa ou da falta dela. Pude conhecer melhor meus alunos, mas talvez eles tenham se conhecido mais ainda ao rever sua história, ao deixar vir lembranças que chegam como enxurrada e que tanto pode trazer coisas boas, quanto coisas que talvez gostariam de ter esquecido.

Minhas expectativas com esta disciplina eram muito altas. Acredito que sempre planejamos o curso que gostaríamos de cursar, que preenche vazios deixados ao longo dos anos, que nos desafiam, em certa medida e que temos certeza que tocaremos, de alguma forma, outras vidas.

Ao entrar em contato com as histórias dos meus alunos, também reconheci momentos da minha vida, tracei paralelos, revi algumas questões. O contato com esta turma, com os filmes, com os textos, também me provocaram, me desafiaram, e pude aprender um pouquinho mais, principalmente sobre quem eu sou e o que é ser professora.

Bibliografia

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da nossa época; v. 32)

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GUSSI. Alcides Fernando. A antropologia e a formação de professores. In **Revista Educação & Cidadania – REC**/publicação do Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da União das Faculdades da Organização Paulistana Educacional e Cultural – ano 1, n.2, 2001. Campinas, SP: UNOPEC/Editora Átomo, 2001. 188p.

BUENO, B. CATANI, D.B.; SOUSA, C. P.de (orgs.). **A vida e o ofício de professores.** São Paulo: Escrituras, 1998.

MARTINS, Maria do Carmo. **E se o outro é o professor? Reflexões acerca do currículo e histórias de vida.** In GALLO, S. e SOUSA, R. M. de. Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência. Campinas, SP: Alínea, 2004.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Tradução Juracy C. Marques, Ângela M. B. Biaggio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

Filmografia

Anjos do Arrabalde: as professoras. Carlos Reichembach. BRA, 1986.

O Sorriso de Monalisa. Mike Newell. USA, 2003.

Quando Tudo Começa. Bertrand Tavernier. FRA, 1999.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer as alunas e ao aluno do 6º Termo do Curso de Pedagogia do ano de 2004 por terem aceito a proposta e terem revisto suas vidas para escrevê-las numa folha de papel.

Agradeço ao Alcides Fernando Gussi pelo material disponibilizado e pelas conversas maravilhosas.

Agradeço também ao Wladimir Stempniak Mesko por ser um ótimo interlocutor, por todo auxílio durante a correção dos trabalhos dos alunos e pela correção deste texto.

A autora

Giovana Scareli é formada em Pedagogia pela UNICAMP. Mestre e doutoranda em Educação pela mesma universidade. Professora das Faculdades UNOPEC.
E-mail: *gscareli@ig.com.br*

Para citar este artigo:
SCARELI, Giovana. **A Produção de Memoriais no Curso de Pedagogia – Relato de Experiência**. Intellectus – Revista Acadêmica Digital das Faculdades Unopec. Sumaré-SP, ano 02, nº 04, jan./jul. 2005. ISSN 1679 - 8902.

Texto recebido para publicação em: Abril de 2005.
Publicado em: Setembro de 2005.